

Amazônia Latitude Films
apresenta

Pisar Suavemente na Terra

um filme de **MARCOS COLÓN**

documentário • 73 min

amazonia
LATITUDE

Logline

Três lideranças indígenas da Amazônia resistem às ameaças a seus territórios, promovidas por grandes empreendimentos capitalistas. Suas vozes e histórias se interligam entre si por meio do pensamento do filósofo Ailton Krenak em um clamor pela vida e pelo respeito à terra.

Sinopse

No documentário **“Pisar Suavemente na Terra”**, três lideranças indígenas da Amazônia tentam manter vivas as suas formas de estar no mundo. São as histórias de Kátia, cacica do povo Akrãtikatêjê, de Manoel, cacique do povo Munduruku e de José Manuyama, professor de origem Kukama.

As histórias narram as ameaças aos seus territórios promovidas pela grande mineração, monocultivo, garimpo, exploração de petróleo, extração de madeira e construção de usinas hidrelétricas. Interligados pela voz e pelo pensamento ancestral de Ailton Krenak, esses relatos de resistência nos apresentam outras formas de existir e caminhar no mundo.



Personagens



Kátia Akrátikatêjê

Tônkyre Akãtikatêjê é o nome indígena de Kátia Silene da Costa Valdenilson. Cacica do Povo Akratikatêjê – que significa Gavião da Montanha – ela é filha de Raimunda e de Hõpryre Rõnõre Jõpikiti Payré, liderança indígena histórica da Amazônia que lutou contra o deslocamento forçado de seu povo pela construção da Usina Hidrelétrica de Tucuruí. Kátia se autodenomina sobrevivente do holocausto da ditadura militar na Amazônia e da construção de uma barragem, pois foi forçada a sair de seu território, a conviver com a extrema violência do Exército brasileiro e a se adaptar, junto com os povos Parkatêjê e Kykatejê, na Terra Indígena Mãe Maria, para onde sua comunidade também foi deslocada. Hoje, Kátia vive em uma terra atravessada por uma estrada, dois linhões de energia, uma ferrovia da empresa Vale S.A. e ameaçada de invasão por madeireiros. Essas adversidades nunca impediram a cacica de empreender lutas ou defender a unidade de seu povo na luta indígena. Além de protagonizar essas lutas, ela organiza a implantação de sistemas agroflorestais, tanques de peixe, diversas roças e a coleta da castanha na terra indígena.

“NÓS TÍNHAMOS NOMES INDÍGENAS E QUANDO FOMOS NOS REGISTRAR, EM 1979, O CARTÓRIO NÃO ACEITOU NOSSOS NOMES INDÍGENAS. PORQUE NÓS NÃO ÉRAMOS CRISTÃOS, NÃO ÉRAMOS SERES DESSE BRASIL”

KÁTIA AKRÁTIKATÊJÊ, EM “PISAR SUAVEMENTE NA TERRA”





José Manuyama

José “Pepe” Manuyama nasceu em Requena, cidade na Amazônia peruana. É professor de origem indígena Kukama. Faz parte do Comitê em Defesa da Água, um coletivo intercultural que defende a não mercantilização da água e de outros bens comuns, além de lutar pela dignidade humana e não humana, ameaçadas pela economia predatória internacional. José foi protagonista de lutas cidadãs junto ao Comitê em Defesa da Água da cidade de Iquitos e encampou uma luta contra a multinacional do petróleo Conoco Phillips para que a bacia do Rio Nanay estivesse livre da exploração de petróleo na região. Sempre articulando muitas organizações e várias etnias indígenas, Pepe, como é conhecido pela comunidade onde vive, também conseguiu conter um projeto de desmatamento de mais de 40 mil hectares na cidade de Tamshiyacu. Manuyama é um defensor da vida. É um intelectual em movimento que sempre apresenta o outro lado daquilo que historicamente convencionou chamar-se “desenvolvimento”. Sua mobilização e seu pensamento são expressões vivas de uma luta ancestral pela vida, e seu fazer e saber são sementes para construirmos outras formas mais suaves de pisar sobre a terra.



“A MODERNIDADE É SINÔNIMO DE ARRUINAMENTO SOCIAL. NÃO SÃO OS ASSASSINATOS, O FEMINICÍDIO, A CONTAMINAÇÃO. NÃO SÃO PARTES ISOLADAS DE UM MAL DESENVOLVIMENTO, É O QUE O DESENVOLVIMENTO PRODUZ. O DESENVOLVIMENTO PRODUZ RIQUEZA MATERIAL PARA UNS POUCOS E RUÍNA TOTAL PARA O RESTO”

JOSÉ MANUYAMA, EM “PISAR SUAVEMENTE NA TERRA”



Manoel Munduruku

Pela ancestralidade de Pai Tupã e da Mãe-Terra, Manoel Munduruku é uma liderança indígena da Aldeia Ipaupixuna, coordenador do Conselho Munduruku do Planalto, além de ser representante de quatro aldeias do povo Munduruku e cinco aldeias do povo Apiaká. A Terra indígena Munduruku e Apiaká está localizada no Planalto Santareno e possui aldeias dos dois povos. Manoel construiu uma história de lutas pela unidade de seu povo, em defesa do território, contra os grandes projetos de desenvolvimento na Amazônia. Articulou lutas contra a expansão da soja pelo Planalto Santareno e contra a intrusão de sojeiros na Terra Indígena, além de denunciar, junto a diversas outras organizações sociais e entidades, os grandes projetos portuários instalados na cidade de Santarém. Manoel também auxiliou na construção do Protocolo de Consulta dos Povos Indígenas Munduruku e Apiaká da região. Por conta das tensões de sua história de luta e resistência, Manoel foi forçado a mudar para a cidade de Santarém para cuidar de sua saúde física e mental, mas ainda assim continua a usar sua voz para denunciar os abusos dos processos de expansão de monocultivos na Amazônia, bem como para articular os povos indígenas em defesa de seus territórios ancestrais.

“O NOSSO CORAÇÃO CHORA, A NOSSA MENTE SE ENTRISTECE, E NÓS VEMOS A NOSSA FLORESTA DORMIR EM PÉ E AMANHECER DEITADA, DESTRUÍDA. PORQUE O GRANDE EMPREENDIMENTO, ELES TRABALHAM NOITE E DIA PARA NOS DERROTAR”

MANOEL MUNDURUKU, EM “PISAR SUAVEMENTE NA TERRA”





Ailton Krenak

Líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta e escritor, Ailton Krenak é Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), uma das maiores lideranças do movimento indígena brasileiro e um dos maiores escritores do Brasil. Protagonizou uma das cenas mais marcantes da história do país, em 1987, quando pintou o rosto com jenipapo para protestar contra os ataques aos direitos indígenas. No ano seguinte, em 1988, participou da União dos Povos Indígenas, que se transformou na Aliança dos Povos da Floresta, movimento que juntou Ailton, David Kopenawa Yanomami e Chico Mendes. No seu retorno à Minas Gerais, onde está a aldeia de seu povo, Krenak passou a se dedicar ao Núcleo de Cultura Indígena, continuando na luta pela articulação dos povos indígenas. Com seu povo, sofreu com o maior crime ambiental da história do Brasil: o rompimento da barragem do Fundão, da mineradora Samarco/BHP Billiton, da Vale, em Bento Rodrigues, distrito de Mariana (MG), em novembro de 2015. Como escritor, Ailton Krenak lançou recentemente *"Ideias para adiar o fim do mundo"* (2019), *"O amanhã não está à venda"* (2020) e *"A vida não é útil"* (2020), livros que foram inspirações fundamentais para a construção deste documentário. É de Krenak a frase que dá título ao filme "Pisar Suavemente na Terra".

**"A GENTE NÃO VEIO AO MUNDO PARA COMER O MUNDO.
A GENTE VEIO PARA DANÇAR A VIDA."**

AILTON KRENAK, EM "PISAR SUAVEMENTE NA TERRA"



Narrativa & Estrutura

“**Pisar Suavemente na Terra**” é uma viagem imagética ao Fim do Mundo tal como o conhecemos e uma imersão em uma Possibilidade para o mesmo mundo e que decidimos não escolher, mas sem a qual não podemos mais existir.

O filme é dividido em quatro atos estéticos:

1. **O Anúncio – profecia**
2. **A Guerra – escolha**
3. **A Morte – resultado**
4. **Os Horizontes – mergulho**

O Anúncio, traduzido como profecia, é quando um indígena anuncia o Fim do Mundo tal como o conhecemos por conta da destruição dos povos da Amazônia, nos alertando para onde vamos com as escolhas que fizemos; **a Guerra**, que nos mostra como essas escolhas transformaram a Floresta em uma zona de sacrifício para onde se expandem processos de Morte, destruição e adoecimento e está nos levando para um fim; **a Morte**, expressão mais cabal do Fim da Possibilidade da Vida, que a escolha pela expansão das commodities como único caminho de desenvolvimento nos trouxe; e **os Horizontes** que nos fazem mergulhar em mundo que não quisemos ver/ser, mas que se mostra como o único capaz de nos salvar.

1. O Anúncio – Um alerta gritado em voz ancestral. Tudo começa com quem já viveu vários fins e pode nos dizer como termina, pois convive o tempo todo com a Possibilidade da finitude do próprio mundo. Tirar a humanidade da natureza, tornar nossa arrogância *humanocêntrica* como motor do mundo e que nos trouxe até aqui. Ou escutamos os mundos que já vivenciaram vários fins, ou nosso fim nos espera na esquina seguinte.

A única forma deste sistema vivo continuar a existir é pela sua capacidade de continuar produzindo e reproduzindo a Vida. Quem melhor entendeu os gritos daquilo que chamamos planeta foram os povos indígenas da Amazônia. Isso porque eles não são apenas habitantes da maior Floresta equatorial úmida

do planeta. Eles estão aqui antes mesmo de ela existir tal como a conhecemos. Por 19 mil anos, convivem e produzem em um ambiente que, a partir de agora, precisa ser chamado de patrimônio biocultural. Não há Floresta sem a sabedoria dos povos. Por isso, o Anúncio encapsula todo o filme – ele sabe da Possibilidade do Fim e de sua estrutura, mas também sabe como evitá-lo.

2. A Guerra – O capitalismo na Amazônia sempre funcionou como uma Guerra aos povos, pois o processo de geração de riqueza sempre envolveu a transformação de bens comuns em mercadoria. A transformação de uma terra indígena em pastagem, de um território quilom-bola em área de mineração, de um território camponês em latifúndio. Saquear, fraudar, roubar, matar sempre foram os verbos da chegada do Fim na Amazônia – daí a Guerra como única expressão real de uma continuidade histórica do capitalismo na região.

Mas não falamos só de Guerra. Falamos sobre a escolha da Guerra quando escolhemos a exportação de *commodities* agrícolas e minerais em detrimento da produção de alimentos. Escolhemos, portanto, o Caos. Atravessando bandeiras partidárias, todos os projetos que um dia se anunciaram como nacionais, bebiam e ainda bebem desse consenso em torno da exportação de bens primários. Entretanto, quando se escolhe ganhar dinheiro matando, que sociedade estamos construindo? Quando se prefere uma paisagem homogênea e retilínea em detrimento de uma Floresta, que sociedade estamos construindo? Quando não se sente falta dos povos que estavam aqui neste território antes mesmo de fincarmos nele qualquer bandeira, que sociedade estamos construindo? Quando tratamos a natureza como um obstáculo a ser suplantado pela arrogante razão capitalista, que sociedade estamos constru-

indo? Quando não damos importância e não respeitamos os saberes que foram responsáveis por nos proporcionar a existência da maior e mais diversa Floresta equatorial do mundo, responsável em boa parte pelo equilíbrio metabólico planetário, que sociedade estamos construindo?

A ideia é a escolha pelas *commodities* como único eixo de desenvolvimento e germes da construção de uma sociedade fascista e um governo autoritário, até porque não há capitalismo sem espoliação, que transforma bens coletivos e comuns em mercadoria por meio de violência, devastação e adoecimento.

3. A Morte – É o resultado de um projeto. Quando ela se generaliza, começamos a perceber que não se trata apenas da expansão espacial de negócios, mas uma escolha de quem vai viver e quem vai morrer. Não é só uma hidrelétrica. É a inundação de um cemitério indígena que traz energia vital a um povo; não é só a passagem de um trem de ferro. É a passagem às margens de uma sociedade que organiza sua Vida por meio do silêncio e apelida o trem de “barulho do terror”. A seleção é feita por poucos: aqueles que detêm a terra, o dinheiro e o poder.

Desde sempre, morrer na Amazônia foi a *única forma de ser visto* de fora da Amazônia –foi assim em Eldorado dos Carajás e outras várias chacinas em que indígenas e camponeses foram vítimas– e agora, essa Morte é banal e sequer causa sensibilização. Construímos uma sociedade que normaliza a Morte daqueles que não sentimos falta, como a Amazônia nunca figurou no imaginário nacional. Afinal, ninguém sente falta do que não conhece. Daí, a Morte vira critério e norma para ser capitalista na Amazônia.

4. Os Horizontes – A Amazônia é patrimônio biocultural dos seus povos, porque a diversidade étnica desses grupos relaciona-se à diversidade ecológica e biocultural, fundamentais à Vida no planeta. Precisamos nos aproximar do *sentipensar* com a Floresta, com rios, várzeas e terras firmes inscritos nos saberes/fazeres dos povos que historicamente foram marcando suas diferenças no espaço amazônico, deixando essa região como legado histórico.

Se a lógica de expansão/invasão capitalista na Amazônia relaciona-se com a Floresta como a de quem vai às compras, como definiu Ailton Krenak, os povos amazônicos oferecem outra lógica, que tem na complementaridade e reciprocidade das sociedades e naturezas a força de incremento e produção da diversidade, no saber/fazer o alimento, a casa, o remédio, a cura e os caminhos por meio da Floresta.

Assim, reproduzir comunidades em que a relação com aquilo que convencionamos chamar de natureza é estabelecer uma relação de igualdade, pois a Vida não se restringe à humanidade. Para restituir a Vida ao centro do debate, não podemos continuar a nutrir a amnésia biocultural que advém dos projetos que acolhem a exportação de *commodities* como o único caminho a seguir, tornando a Amazônia um quintal de experimentação da barbárie capitalista.



Documentário procura saídas da crise ambiental pelo olhar indígena

Com relatos dos líderes Ailton Krenak, Kátia Silene Akrãtikatêjê e outras vozes, **'Pisar Suavemente na Terra'** mostra histórias sobre a invasão capitalista na Amazônia

Filmado no Peru, na Colômbia e no Brasil, o documentário **Pisar Suavemente na Terra** (2022) mostra a resposta para um futuro possível, longe da destruição e baseada na ancestralidade dos povos originários.

O filme de 73 minutos, que tem pré-estreia marcada para outubro de 2022, concentra sua narrativa em três lideranças indígenas sobreviventes da guerra capitalista na Amazônia, que lutam por manter vivas suas formas de estar e coexistir no mundo sem destruí-lo.

As cidades brasileiras de Santarém, Marabá e Tabatinga, além de Iquitos, no Peru, e Leticia, na Colômbia, são os cenários da história de **Pisar Suavemente na Terra**, que descreve as engrenagens do Estado e das empresas que destroem a vida e desencadeiam a morte na região amazônica.

José Pepe Manuyama, indígena Kukama da Amazônia peruana, lida com a contaminação do rio Nanay pelo garimpo e pelo petróleo. No Oeste do Pará, o cacique Manuel, do povo Munduruku, tem seu território sitiado pela expansão do monocultivo e exportação da soja, intensificada pelo projeto de agronegócio da Cargill. Já a cacica Katia, do povo Akrãtikatêjê, de Marabá (PA), mantém sua cultura em um território devastado pela mineração da Vale S.A.

Estes três relatos são interconectados pela consciência e pela voz do filósofo e pensador indígena Ailton Krenak em um amplo horizonte, que nos convida a refletir sobre nossos modos de vida como seres humanos, insistentes em estar na Terra "comendo o mundo" onde vivemos.

Krenak atualiza a esperança por meio de um sentir-pensar indígena, considerando que o futuro é ancestral e que a humanidade deve aprender que é necessário pisar suavemente na terra, filosofia que dá nome ao filme.

O documentário conta ainda com a música do renomado artista e ex-ministro da Cultura do Brasil, Gilberto Gil, que valoriza e canta os saberes da floresta, um ambiente vital para a sobrevivência do planeta e que contém a resposta para as crises causadas e enfrentadas pela humanidade.

Ficha técnica

UM FILME de Marcos Colón

COM AS PARTICIPAÇÕES DE:

Katia Akrãtikatêjê, Manoel Munduruku, José Manuyama & Ailton Krenak

ROTEIRO: Bruno Malheiros & Marcos Colón

FOTOGRAFIA: Bruno Erlan & Marcos Colón

EDIÇÃO & TRILHA ORIGINAL: Diego Orix

PRODUÇÃO EXECUTIVA: Erik Jennings & Marcos Colón

DIREÇÃO E PRODUÇÃO: Marcos Colón

PRODUÇÃO: Amazônia Latitude Films

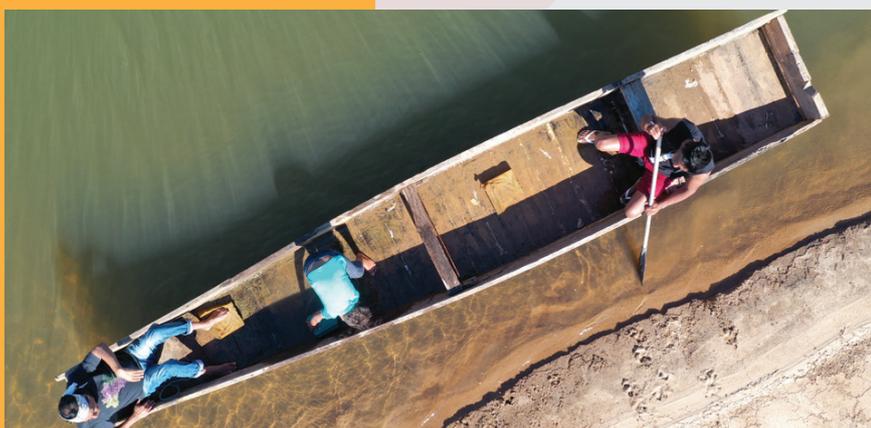
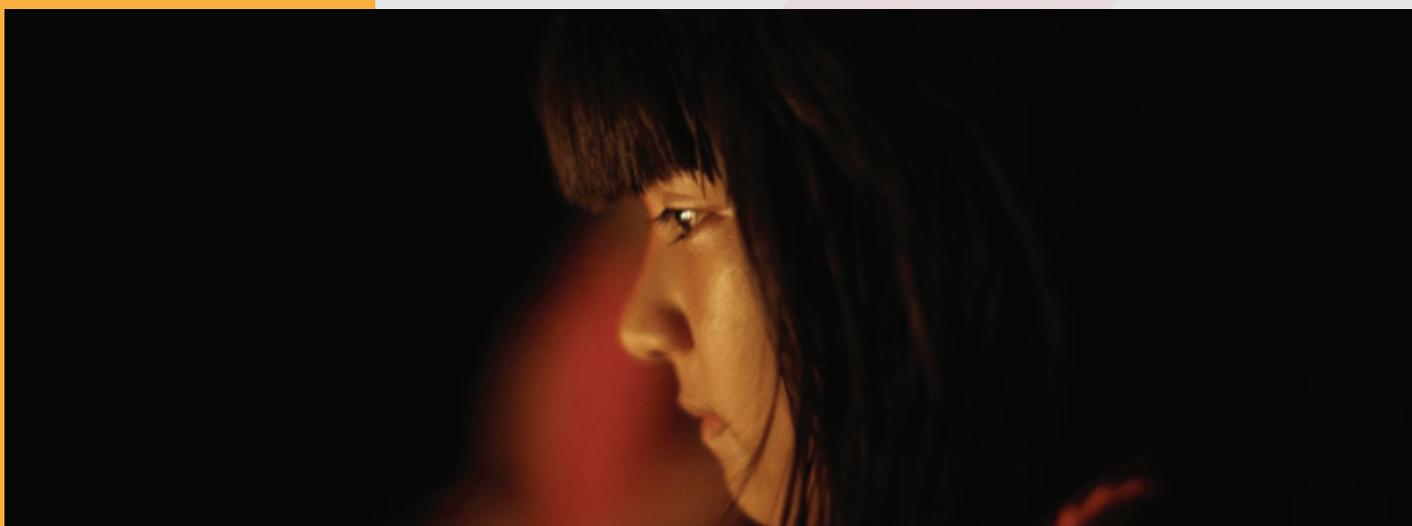
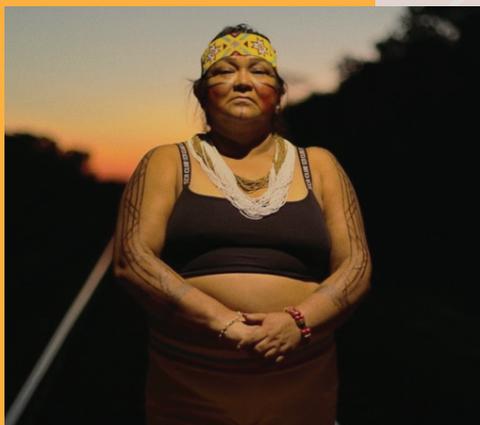
FILMADO no Brasil, Peru e Colômbia

DURAÇÃO: 73 min | **PAÍS:** EUA/BR | **ANO:** 2022

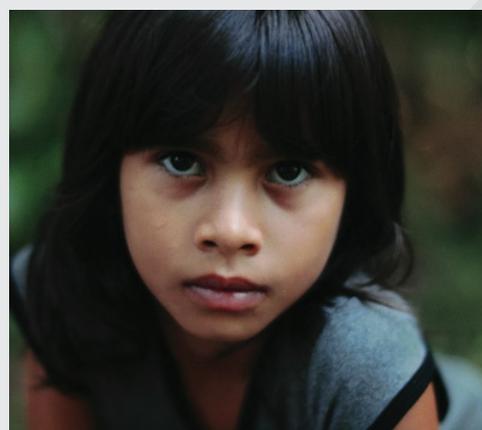
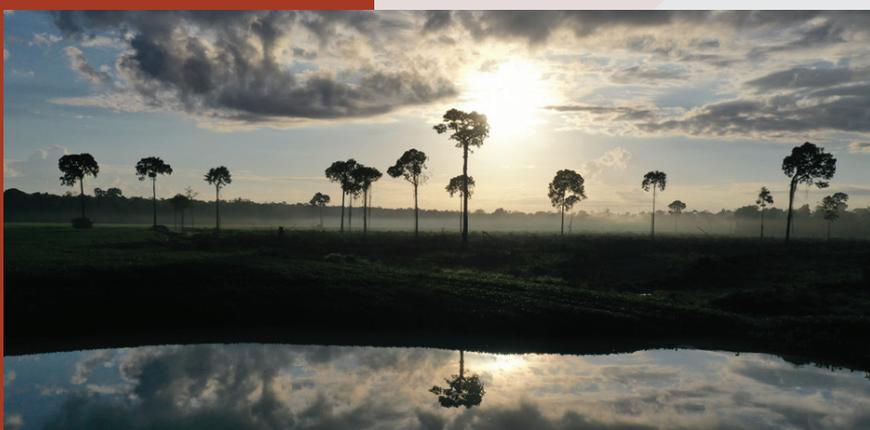
ESTREIA: Outubro de 2022

www.pisarsuavementenaterra.com.br

Fotos de Divulgação



“NÓS INDÍGENAS ESTAMOS AQUI DIZENDO PARA QUE NOS
RESPEITEM DA MANEIRA QUE NÓS SOMOS”
KÁTIA AKRĀTIKATĒJĒ, EM “PISAR SUAVEMENTE NA TERRA”



“A GENTE SÓ EXISTE PORQUE A TERRA DEIXA A GENTE VIVER. ELA DÁ A VIDA. NÃO TEM OUTRA COISA QUE DÁ A VIDA. É POR ISSO QUE A GENTE CHAMA ELA DE MÃE TERRA”

AILTON KRENAK, EM “PISAR SUAVEMENTE NA TERRA”

 [Download de Fotos](#)

Créditos

UM FILME DE MARCOS COLÓN

DIREÇÃO & PRODUÇÃO
MARCOS COLÓN

ROTEIRO
MARCOS COLÓN & BRUNO MALHEIRO

FOTOGRAFIA
BRUNO ERLAN & MARCOS COLÓN

EDIÇÃO & TRILHA ORIGINAL
DIEGO ORIX

EDIÇÃO DE SOM & MIXAGEM
RICARDO BENTO

FOTOGRAFIA ADICIONAL
FRANCINALDO DAMASCENO
ALBERTO FERREIRA
DENIVALDO GAIA

PRODUÇÃO EXECUTIVA
ERIK JENNINGS & MARCOS COLÓN

PRODUÇÃO LOCAL PERU
JOÃO PAULO PIRES & MARCOS COLÓN

COLORIZAÇÃO
LUPÉRCIO BOGÉA

DESIGN GRÁFICO
FABRÍCIO VINHAS

ANIMAÇÕES
CRISTIANO FREZZA

SOM DIRETO
MARCOS COLÓN & BRUNO ERLAN

PÓS-PRODUÇÃO
ESTUDIOLAB & TRIX PRODUÇÕES



TRADUÇÃO PARA LÍNGUA JÊ
LUCILVADO COSTA

TRADUÇÃO PARA INGLÊS
EDWARD LAYLAND

REVISÃO EM INGLÊS
CHANELLE DUPUIS

REVISÃO EM PORTUGUÊS
JOÃO PAULO PIRES

TRADUÇÃO PARA ESPANHOL
JOSÉ ÁNGEL QUINTERO WEIR &
JOÃO PAULO PIRES

MÚSICA
REFAZENDA, DE GILBERTO GIL

DIREITOS AUTORAIS DA MÚSICA
CORTESIA DE GEGE PRODUÇÕES

FONOGRAMA CORTESIA
SONY MUSIC BRAZIL



Agradecimentos

A PRODUÇÃO AGRADECE AOS POVOS DE

Marabá, Pará

Jàrkore (Boemi)
Penpkoti, Kupepramre
Tatakti, Márcio Canela
Jonxan, Taliça Canela
Tepramre
Jõxêtêre
Printikwyi
Kàxàrekwyi
Hõtôkxwati
Inkrerti
Jonprymanpeiti
Amxêre
Mponatopranti
Hitôre
Hõt Taipati
Takwyiti
Rõnore
Zeca Gavião
Ropre
Edimar
Maria Regina
José Tasino
Leonardo
Ezequias
Paray'a
Kuaray Alessandro

Às crianças

Tantantin-In
Para'i
Jaxuka
Ara'i
Yxapya'i
Nhamandu
Kuaray
Vera'i
Nunju
Karaí

Planalto Santareno, Pará, Brasil

Josenildo Dos Santos Da Cruz
Ana Flávia Sousa Carvalho
Gabriel Sousa Santos Munduruku
Ana Beatriz Sousa Santos Munduruku
Edno Colares Rodrigues
Edivalda De Oliveira Rodrigues
José De Oliveira Rodrigues

Iquitos, Loreto, Peru

Jenny Isabel Ampuero Canga
Aliza María Manuyama Ampuero
Francisco José Manuyama Ampuero
Aroldo Tamani
Marcial Manuyama
Mariano Manuyama Arimuya
Ana Macahuachi Shapiama
Erlita Macahuachi Shapiama
Mulheres e crianças da comunidade Kukamakana Uka
Gin Davila Ruiz
Carlos Reyes Ramirez
Joshua Jesús Iriarte Huayunga
Miguel Córdoba Murayari
Leoncio Ramírez Vázquez
Ángel Zambrano Chávez
Rubén Meza Santillán
Cristian Pérez Guzmán
Luis Pinche Moreno
Emilio León Agnini Rodríguez
Wagner Gratelly Silva

Agradecemos ao

Coro Mitã Mbaraete, do povo Guarani Mbyá

Agradecimentos Especiais

Coro Mitã Mbaraete, do povo Guarani Mbyá
Cacique Dickcinei Tikuna, da Terra Indígena Tukuna Umariáçu
Krenak e família
Flora e Gilberto Gil - Gege Produções Artísticas Ltda
Eveline Alves
Sony Music Brazil
Equipe da Revista Amazônia Latitude
Jorge Bodanzky
Bernie Weisblum
David Worstell
Rosa Ester Rossini
Suzana Amado
Família Jennings
Família Malheiro
Família Vinhas
Família Orix
Família Colón

E um agradecimento muito especial a todos os nossos amigos, familiares e colegas que direta ou indiretamente ajudaram a dar vida a este projeto.

Clipping

Folha de S. Paulo

Crise amazônica e a sobrevivência de povos indígenas são temas de documentário de Marcos Colón - 05/09/2021 - Mônica Bergamo - Folha

Revista Amazônia Latitude

Documentário *Pisar Suavemente na Terra* procura saídas da crise amazônica pelo olhar indígena.

10º Fórum Social Pan-Amazônico

"*Pisar Suavemente na Terra*" é um filme cru, potente, e real - XFOSPA Belém

Conexão Planeta

O belo documentário '*Pisar Suavemente na Terra*' aponta caminhos para o futuro da Amazônia a partir do olhar indígena e ancestral

Agência Envolverde

Pisando suavemente no FOSPA, expandindo consciências e arrebatando corações - Agência Envolverde

Rede Brasil Atual

Como '*Pisar*' na terra devastada e explorar soluções para a Amazônia

Mongabay Brasil

Documentário mostra a luta de lideranças indígenas para proteger a Floresta Amazônica - Notícias ambientais

Latin America Bureau

Stepping softly on the earth | Latin America Bureau

Revista Cult

Pisar suavemente na terra: um relato - Revista Cult



Contatos

Marcos Colón

E-mail: pisarsuavementenaterra@gmail.com

www.pisarsuavementenaterra.com

[instagram.com/pisarsuavementenaterra](https://www.instagram.com/pisarsuavementenaterra)

Trailer “Pisar Suavemente na Terra”



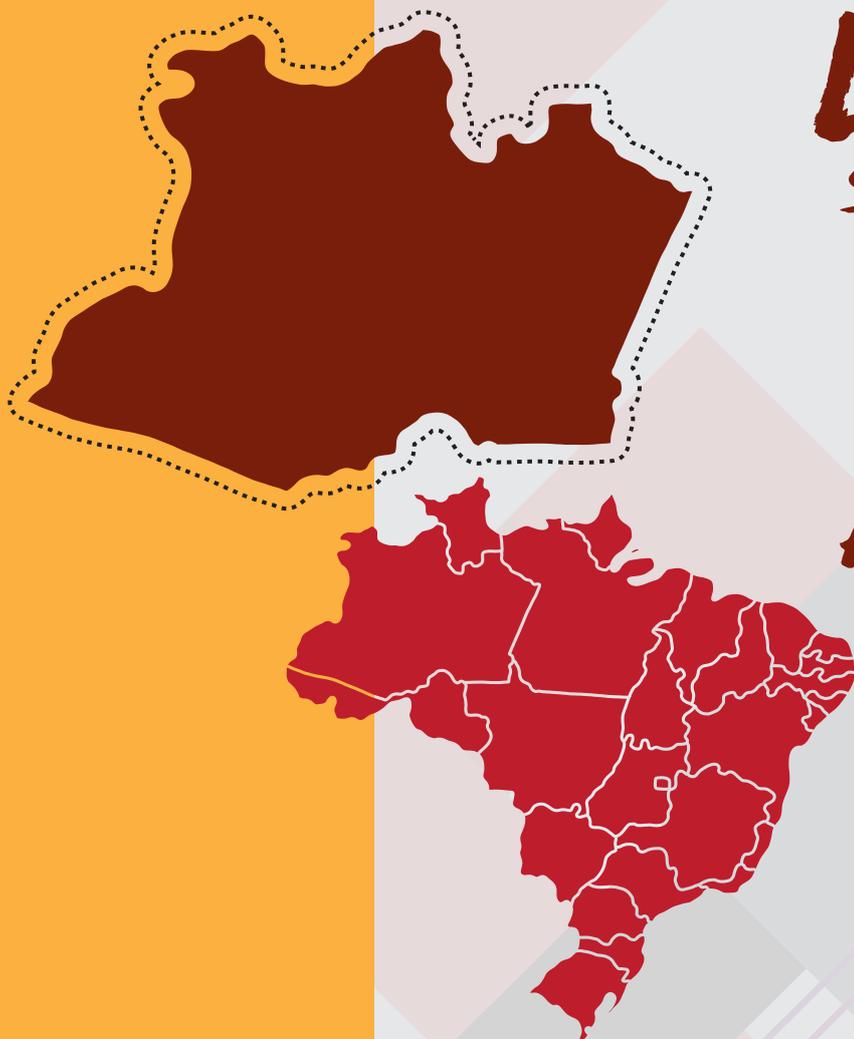
Apoie Amazônia Latitude

A Amazônia Latitude é um projeto independente, sem fins lucrativos, que visa ampliar o debate crítico a respeito da região amazônica e expor sua diversidade cultural, sua riqueza natural e seus dilemas. O site é gerido por uma rede de colaboradores e editores remotos de diversos pontos do país e do globo. Precisamos de sua ajuda para a execução de pautas, captação de imagens, e ampliação da equipe para que possamos manter a regularidade e qualidade das publicações.



APOIE USANDO PAYPAL
USE O QR CODE
OU ACESSE O LINK EM
AMAZONIALATITUDE.COM

LEVANTE
SUA
VOZ
PELA
AMAZÔNIA!



Homenagem

ESTE TRABALHO É DEDICADO À MEMÓRIA E RESISTÊNCIA DO CACIQUE HÕPRYRE PAYARÉ E A TODOS OS POVOS INDÍGENAS, EM ESPECIAL OS POVOS ORIGINÁRIOS DA AMAZÔNIA, QUE INSISTEM EM NOS ENSINAR A PISAR SUAVEMENTE NA TERRA.



amazonia
LATITUDE

amazonia
LATITUDE
Films

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS A MARCOS COLÓN & AMAZÔNIA LATITUDE FILMES 2022 ©